

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA DE ESTÁGIO

Rafael Silveira da Silva

Mestre em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
rafael_ss_rs@hotmail.com

Gislaine Mocelin Auzani

Professora Adjunta - Centro Universitário Franciscano (Unifra)
gislainemocelim@unifra.br

Resumo

O Estágio Curricular Supervisionado IV, do curso de Geografia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA - Santa Maria, RS), oferece a oportunidade da prática docente no Ensino Médio. Nesse artigo, relatam-se algumas experiências e reflexões de uma prática ancorada em referenciais teórico-metodológicos relativos à formação docente e ao papel do acadêmico em formação. A importância deste modelo de estágio reside no fato de preparar os acadêmicos do curso para que, ao adentrarem em sala de aula, estes sejam capazes de responder perguntas frequentemente levantadas por aqueles que trabalham com esta área do conhecimento. Portanto, o presente artigo tem por objetivo apresentar algumas experiências, reflexões e significados do estágio, bem como apresentar alguns aspectos da fundamentação teórica, em que se baseou a efetivação da prática pedagógica no estágio supervisionado na Escola de Ensino Médio Cilon Rosa, na cidade de Santa Maria, RS.

Palavras-chave: Formação docente, Estágio supervisionado, Ensino de Geografia.

THE SUPERVISED TRAINING IN TEACHER OF GEOGRAPHY: EXPERIENCES AND EXPERIENCES OF PRACTICE STAGE

Abstract

The Supervised IV Travel Geography of Franciscan University Center (UNIFRA – Santa Maria, RS), offers the opportunity of teaching practice in high school. In this article, we report some experiences and reflections of a practice anchored in theoretical and methodological frameworks for teacher training and the role of academia in training. The importance of this stage model, lies in the fact that prepare students for the course , to step into the classroom , they are able to answer questions frequently asked by those who work with this area of knowledge. Therefore, this paper aims to present some experiences thoughts and meanings of the stage, and to present some aspects of theoretical foundations, it relied on the effectiveness of supervised teaching practice in the High School Cilon Rosa, in the city of Santa Maria, RS.

Keywords: teacher training, supervised internship, Teaching Geography.

Recebido em 04/02/2014 / Aprovado para publicação em 25/04/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.19, p. 22-34, jun. 2016

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado consiste numa fase transitória, ou de preparação do aluno, na qual é acompanhada e dirigida por um professor orientador, que busca avaliar o desenvolvimento, a aprendizagem e a experiência vivenciada pelo aluno durante a realização desse estágio.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar algumas experiências e reflexões referentes à prática da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV. No que diz respeito ao perfil da Escola de Ensino Médio Cilon Rosa, pode-se observar que o espaço físico é amplo, porém, pouco utilizado para atividades pedagógicas e de práticas esportivas. A escola está situada no bairro Centro, na cidade de Santa Maria/RS, o perfil da comunidade escolar observada se caracteriza por pessoas de baixa e média renda, que de forma geral tem acesso aos meios de transporte, saúde e da informação, tais como: celulares, computadores, etc. O estágio foi desenvolvido com alunos do 2º ano do Ensino Médio, no turno da manhã; nesse sentido, se observou que os educandos apresentam pouca diferença de idade, sendo assim, caracterizam-se por possuírem níveis de aprendizagem e maturidade semelhantes.

Portanto, este artigo pretende contribuir com o importante debate relativo às questões que envolvem o ensino de Geografia, suas possibilidades e desafios, em busca de uma realização plena do papel que lhe pertence na formação do indivíduo consciente e cidadão.

2. METODOLOGIA

Trabalhar aulas envolve o desenvolvimento de um arcabouço teórico para fundamentar a sua realização e respaldar a importância e justificativa da sua aplicação. Tal fundamentação deverá vincular-se à realidade concreta que será foco do trabalho a ser desenvolvido.

Nas palavras de RESENDE:

[...] A geografia é, acima de tudo, esse espaço real, que pode não valer, num primeiro momento – sabemos nós – como verdade científica, pois só muito raramente transcende o particular para chegar ao geral. Mas nem por isso é menos verdadeira, já que é riquíssima

porque intensa e pessoal percepção do espaço resultante de uma determinada vivência, cujas normas se devem à divisão social do trabalho. Tal vivência pode ser, por isso mesmo, tão necessária à ciência geográfica quanto o que mais o seja, pelo seu caráter de saber não-teorizado, não trabalhado pelas múltiplas linguagens de cultura, pelo seu caráter, enfim, de saber originário produzido pela ação do homem sobre a natureza, mas que é, via de regra, deliberada ou inadvertidamente ignorada pela escola, isto quando não simplesmente considerado como um obstáculo ao verdadeiro saber. (1989, p. 87).

A relação teoria/prática que permeou e norteou a elaboração e execução dos planejamentos, os quais se desencadearam pautados nas seguintes fases:

- 1 - Levantamento bibliográfico acerca dos conteúdos do estágio;
- 2 - Planejamento de propostas de ações voltadas às aulas, bem como a discussão e revisão dos planos junto a orientadora de estágio;
- 3 - Confeção de materiais didáticos para serem utilizados em sala de aula;
- 4 - Elaboração do Relatório de Estágio.

Relembrando a afirmativa de Bordenave (2004) sobre a importância da metodologia, constata-se que os conteúdos podem ser transmitidos e trabalhados de diferentes formas. Essas formas vinculam-se a opção pedagógica adotada pelo professor, o qual alicerça o processo ensino-aprendizagem que, por conseguinte, será a metodologia de ensino que proporcionará ou não o ensinar a pensar. No caso da aplicação de uma “pedagogia transmissora” que valoriza os conteúdos em detrimento da metodologia, o autor fala em um “genocídio pedagógico”, no sentido de que “os estudantes memorizam as matérias para os exames, uma vez terminada a sua tortura, se esqueciam de tudo”.

Contudo os desafios fomentam a perspectiva de mudança, particularmente para o futuro profissional da educação, que no seu estágio busca aplicar e superar as deficiências de uma geografia escolar dos moldes tradicionais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONCEPÇÕES E ABORDAGENS SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Como pressuposto de aprendizagem, tentou-se desenvolver no estágio a força motivadora de uma situação-problema que foi analisada criticamente, envolvendo o exercício da abstração, pelo qual se procura alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos. Assim, como afirma Libâneo (1990), aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica.

Como pressuposto de aprendizagem, a força motivadora deve decorrer da codificação de uma situação-problema que será analisada criticamente, envolvendo o exercício da abstração, pelo qual se procura alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos. Assim, como afirma Libâneo (1990, p. 52), “(...) aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade”.

3.2 IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Considerando que o planejamento deve ser pensado como um ato político-social, não se pode conceber que o professor não realize o mínimo de planejamento necessário para seus alunos, afinal, o planejamento no processo educativo, segundo Menegolla; Sant’Anna (2001) não deve ser visto como regulador das ações humanas, ou seja, um limitador das ações tanto pessoais como sociais e sim, deve ser visto e planejado no intuito de nortear o ser humano na busca da autonomia, na tomada de decisões, na resolução de problemas e principalmente na capacidade de escolher seus caminhos.

Essencialmente, educar/ensinar é um ato político. Entendamos bem essa proposição: a essência política do ato pedagógico orienta a práxis do educador quanto aos objetivos a serem atingidos, aos conteúdos a serem transmitidos e aos procedimentos a serem utilizados, quando do

trabalho junto a um determinado grupo de alunos. (SILVA, EZEQUIEL, 1991, p.42 in Hypolitto 2008, p. 6).

Menegolla; Sant'Anna (2001) ainda completam argumentando que o plano das aulas, visam a liberdade de ação e não podem ser planejado somente pelo bom senso, sem bases científicas que norteiem o professor. Segundo Gutenberg (2008) essa base científica utilizada para organizar o trabalho pedagógico são os pilares e princípios da Educação, anunciados e exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) (MEC, 2008) por este motivo faz-se necessário conhecê-los e compreendê-los muito bem.

Todo mestre precisa entender que esse conjunto de regras, embora pareça muito burocrático e teórico para uns, ou mesmo inútil para outros, trata-se de uma tentativa clara para que os alunos aprendam e apreendam o que for necessário durante o período escolar. (GUTENBERG, 2008, p. 21).

Partindo do princípio que o professor deve ensinar os conteúdos e também formar o aluno para que ele se torne atuante na sociedade, ele deve organizar seu plano de aula de modo que o aluno possa perceber a importância do que está sendo ensinado, seja num contexto histórico, para o seu dia-a-dia ou para seu futuro.

3.3 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE FORMAÇÃO INICIAL

A busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos educadores. Partindo desta concepção, entende-se que repensar a ação docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um aluno cidadão, consciente, crítico, ético, criativo e atuante na sociedade em que vive. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea, acentuadas com a Terceira Revolução Técnico-Científica, acelerando a produção e disseminação de novos produtos e informações. Neste sentido, a docência, é uma atividade profissional de alta responsabilidade política e social, pressupondo-se, portanto, que a formação do educador requer compromisso e competência.

Todavia, o cenário educacional denuncia, insistentemente, dicotomias existentes

na prática educativa, as quais comprometem e, não raro, profundamente, o alcance dos objetivos mais amplos da educação, especialmente quando se deseja uma educação para a formação do sujeito consciente no exercício de sua cidadania, almejando a transformação qualitativa da sociedade em que vive.

Deste modo, constitui-se fato observável que em minha formação inicial, entre seus elementos de estudo, os problemas das escolas públicas do ensino fundamental e médio, ou seja, a relação ensino e pesquisa foram privilegiadas a relação teoria e prática. Nesse mesmo caminho, CASTELLAR acrescenta:

A prática educativa remete, freqüentemente, ao processo ensino-aprendizagem, que se reporta, sobretudo, à ação didática. A esse respeito, questionamos: Será que os professores dominam a prática e o conhecimento especializado com relação à educação e ao ensino? Em termos gerais, a resposta é não. (1999, p. 51).

3.4 HABILIDADES IMPORTANTES PARA O EDUCADOR

A sala de aula é parte da escola e a escola está inserida numa comunidade. Os conteúdos a serem trabalhados na escola podem e devem ser organizados no intuito de favorecer a reflexão sobre os desafios da comunidade local, visando colaborar com a superação destes por meio do desenvolvimento de conhecimentos e atitudes propositivas e transformadoras. O educador, então, precisa conhecer bem a comunidade, problematizar junto aos estudantes seus desafios e propor formas de construção do conhecimento que permitam a superação destes. Além disso, cabe ao educador conhecer os estudantes, seus sonhos, suas ideias, habilidades e atitudes, suas condições para aprender e suas necessidades. Enfim, precisa considerar tudo isso no momento que estiver planejando aulas.

O educador, também necessita ter a compreensão da temática que se pretende trabalhar. Nesse sentido para favorecer a aprendizagem é indispensável que o educador tenha pelo menos domínio básico do que pretende fazer conhecer, isto é, da temática a ser realizada com os estudantes. Aliás, o desenvolvimento da proposta de ensino/aula poderá ser uma excelente oportunidade para aprofundamento e aperfeiçoamento docente.

No decorrer do estágio, procurou-se ao máximo ter a percepção de adaptar as habilidades específicas de cada aluno, como propiciar atividades de construção de cartazes, desenhos, músicas, filmes e jogos de vídeo games.

Desta forma, Gardner (1995), entende que há múltiplos fatores na composição da inteligência. A Teoria das Inteligências Múltiplas propõe a inteligência como habilidades que permitem ao indivíduo resolver problemas ou criar produtos que são importantes num determinado ambiente cultural ou comunidade. Assim, ele ressalta importantes fatores tais como: a inteligência que envolve criatividade, na medida em que ela é de fundamental importância para o desenvolvimento de produtos em uma sociedade ou para solucionar problemas que aparecem em um contexto; e algumas inteligências são mais valorizadas em uma cultura do que em outra e, portanto, o indivíduo só pode ser considerado inteligente se o seu contexto for levado em consideração.

3.5 ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O estágio desde o início, desde o “como fazer”, quais as técnicas, as rotinas de sala de aula, levou-se a uma prática pedagógica e possibilitou um grande amadurecimento. Buscando incessantemente o embasamento teórico para se sanar as dúvidas dos alunos. Assim, pode-se concluir que, a experiência do estágio supervisionado proporcionou uma excelente formação e posterior transformação dos acadêmicos em professores detentores, condutores e promovedores do conhecimento dos alunos, que terão a possibilidade de serem cidadãos críticos e posicionados para pensar a realidade do mundo. Ou seja, sente-se logo após o estágio, ter ultrapassado as barreiras de alunos em processo de formação, para professores críticos acerca do ato de ensinar.

Para isto, é de fundamental importância para o acadêmico de licenciatura em Geografia, ter suas experiências práticas, visto que, somente o conteúdo teórico em si, não capacita o indivíduo para a realidade em sala de aula. Haja vista as diferentes situações adversas que se tem que resolver no cotidiano de uma sala de aula, como por

exemplo, chamar atenção do aluno com o conteúdo desenvolvido, e ao mesmo tempo contendo a indisciplina e a ociosidade dos alunos em momentos da aula.

3.6 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

O trabalho de avaliação pedagógica envolve todo um contexto, professores, sociedade, as concepções pedagógicas da instituição e a tendência utilizada pelo professor. O objetivo principal da avaliação é ajudar o aluno a se auto-avaliar, a perceber suas falhas. Fazer com que se auto-conheça, e busque novos caminhos para a sua realização.

Ao longo da história da Educação, observamos que o tradicionalismo das avaliações taxativas, são substituídas por algo mais elaborado, compreendendo uma visão mais social, que observa o aluno como indivíduo produto e produtor de conhecimento, onde avalia principalmente a docência, sua eficácia e onde devemos refletirmos para melhorar. A avaliação não começa nem termina na sala de aula. A avaliação do processo pedagógico envolve o planejamento e o desenvolvimento do processo de ensino. Segundo, PERRENOUD:

Pode-se considerar que todo feed-back é formador, venha de onde vier e qualquer que seja sua intenção, visto que contribui para a regulação da aprendizagem em curso. Deve-se, então, falar de avaliação ou de observação formativa? Não se corre o risco de dissolver o “formativo” á força de ampliá-lo? (1999, p.107).

A avaliação atualmente vem sendo uma troca, onde conceitos são firmados com a socialização, por meio de debates, estudos, interpretações de gráficos, textos e outros meios. Sendo assim, não vivemos isolados a aprendizagem se dá com a participação do grupo.

Podemos pensar sobre os procedimentos de avaliar, os usos, já citados, formal, social e pedagógico. O uso social envolve a família e a sociedade, que busca diretamente as finalidades, a média escolar, passar no vestibular ou concurso público, mas não os meios utilizados para o aprendizado ou para chegar a esse fim.

Para Luckesi (2009), lembra os passos para uma boa avaliação: Saber o nível atual de desempenho do aluno (diagnóstico); comparar informações com aquilo que é necessário ensinar (qualificação); tomar decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

Diante dessa proposta, ainda acrescentamos uma observação sobre o papel do docente, sobre seu planejamento e sua auto-avaliação. Quando planejamos uma atividade temos que ter objetivos bem definidos e passar o máximo de clareza aos educandos e essa deve se dá de forma dialógica, para que eles participem do processo de criação e construção do aprendizado. O professor promove situações de aprendizagem, que de certa forma é diferenciada do tradicional exame que averigua o momento presente, sem observar todo o histórico construído ao longo do ano letivo. Mas não é dessa forma que tratamos a avaliação formativa, que buscar internalizar novos paradigmas de saberes onde todos ajudam na formação do cidadão.

3.7 EXPERIÊNCIA DO *BLOG* NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A palavra *blog* vem da abreviação de *weblog* - *web* (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de internet) e *log* (diário de bordo, registro). É um diário online que permite que os usuários registrem diversos conteúdos que ficam disponíveis em ordem cronológica, com a vantagem de que possibilita um espaço para comentários dos leitores. Montavani, 2005.

Cresce a cada dia a utilização dos blogs nas mais diversas áreas, inclusive na educação. Portanto, o tema se impõe pela atualidade, pois muito se tem discutido sobre a importância e a validade das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTics), especialmente as que envolvem acesso à internet. A escola, principalmente as que possuem acesso à internet, não podem fazer de conta que os *blogs* não existem. Mas mais do incluir a utilização dos blogs na educação. Apontam-se apenas algumas das utilizações dos blogs na educação, pois os blogs continuam sendo explorados e a cada dia surgem novas formas de explorar seus recursos e potencialidades. Neste aspecto, destaca-se que cabe ao professor apropriar-se das NTics refletindo sobre suas possibilidades, propondo atividades e estratégias diferenciadas ao utilizar os *blogs*. Ainda, a importância da criatividade, comprometimento e formação do professor para

utilizar e explorar os recursos disponíveis e suas potencialidades, valorizando o papel ativo dos alunos no processo de aprendizagem.

No contexto da Geografia, o *blog* se insere no sentido do espaço virtual disponibilizar imagens, Figura 1, mapas, textos e atividades que a carga horária da disciplina não disponibiliza de forma efetiva no cotidiano escolar. Portanto, utiliza-se o blog como uma ferramenta de possibilidades a interação de alunos ou demais interessados.



Figura 1: Proposta de trabalho: (re)conhecimento da realidade geográfica por meio da música.
Fonte: Blog do autor <www.blogofael.blogspot.com>.

3.8 A MÚSICA NO ENSINO: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

A utilização da música como recurso em sala de aula, objetiva promover uma maior interação entre os alunos e o conhecimento, despertando também maior interesse pelas aulas, e pelo aprendizado, a partir de atividades atrativas, prazerosas que promovam o conhecimento.

Conforme Ongaro (2006, p.1), “a música com maior ou menor intensidade está na vida do ser humano, ela desperta emoções e sentimentos de acordo com a capacidade de percepção que ele possui para assimilar a mesma”. Isto nos remete à ideia de vida e cultura, de compreensão de mundo que forma o capital cultural nas pessoas.

Durante o estágio com alunos do ensino médio na escola Cilon Rosa, em Santa Maria - RS pôde-se identificar que os mesmos gostam de música, de diferentes gêneros, principalmente de rock, rap, sertanejas (sobretudo as gaúchas), entre outras. São extremamente sentimentais e tem na música uma forma de abstrair sua realidade. Alguns deles percebem nela uma arte e um veículo de informação.

Também se identificou que nesta escola quase não se usa a música como recurso didático. Contudo, o que mais chamou atenção, é que eles gostam muito de aulas com música, o que colaboram com as colocações de Correa & Oliveira, (2001, p.4), o qual afirma que:

Sabe-se que a mídia, em suas diferentes acepções, tem um grau de aceitação muito grande no cotidiano das pessoas, especialmente dos jovens. Está presente nos momentos de lazer, de reflexão e até mesmo contribui para a definição do estilo de vida de muitos indivíduos, como é o caso dos cowboys, punks e, especialmente dos roqueiros.

Oliveira também ressalta este fato:

Aliar essa facilidade de assimilação encontrada nos mais diversos gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia pode gerar bons resultados. Dificilmente se encontrará algo mais atrativo, entre crianças e jovens, do que o compartilhar suas preferências, sua reprovação ou aprovação às obras musicais, com seus colegas e professores (2006, p.74).

Portanto, assim como Oliveira (2006), pretendemos aliar o ensino à música, fazendo com que a mensagem seja significativa e que o aluno busque realmente fazer um paralelo entre a música, o conteúdo ensinado e o conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas questões podem ser colocadas não como respostas, mas como indagações, provocações ou reflexões sobre o ensino de Geografia. A Geografia é tão multidimensional, quanto seu objeto de estudo: o espaço. A formação de profissionais para trabalharem tal dinâmica e temática na sala de aula necessita muitas vezes de uma formação complementar, trazida pelo mundo da prática e nisso o estágio cumpre o seu

papel.

Desta forma, um dos papéis do geógrafo, seja em que contexto for, deve visar uma reflexão constante sobre tudo ao nosso redor. Portanto, o olhar do geógrafo é ilimitado e é essa atenção, essa percepção que deve ser seguido pelos alunos, para que os mesmos também enfrentem aquilo que está posto aos seus olhares e busquem uma verdade mais profunda, mais crítica e mais humana sobre o que acontece com o seu cotidiano e o mundo ou até mesmo o universo.

Referências

BORDENAVE, J. D. **Ensinar respostas ou aprender a perguntar? As consequências individuais e sociais da Pedagogia Problematizadora.** (Palestra). ENCONTRO SOBRE ESTUDOS COM A METODOLOGIA DE PROBLEMATIZAÇÃO. 2, 2005, Londrina. Anais...Londrina: CECA/UUEL, 2005.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: Terra Livre - **As Transformações do Mundo da Educação - Geografia, Ensino e Responsabilidade Social.** São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, (14): p. 48-55, jan./jul. 1999.

CORRÊA, Tupã Gomes; OLIVEIRA, Pelópidas Cypriano de. A rockmania na cultura jovem. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: A teoria das Inteligências Múltiplas.** (M. A.V.Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

GUTENBERG, Alex. **O que eu pretendo com a aula de Hoje? Profissão Mestre,** n°103, p.21-24, abr. 2008.

HYPOLITTO, Dinéia. **A Formação do Professor em Descompasso com a Realidade.** Integração: contexto, pesquisa e extensão. Agosto de 2008. Disponível em: <http://www.usjt.br/proex/produtos_academicos/194_14.pdf>. Acesso em: 15/07/2010.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico. Questões e propostas.** São Paulo: Contexto, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 1990.

LUCKESI, Cipriano. **Produtividade: Ela ajuda a orientar a aprendizagem.** Revista Nova Escola. Editora Abril. Ed. Especial de Janeiro de 2009.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

Recebido em 04/02/2014 / Aprovado para publicação em 25/04/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.19, p. 22-34, jun. 2016

Nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15/07/2010.

MANTOVANI, Ana Margô. **Weblogs na Educação: Construindo Novos Espaços de Autoria na Prática Pedagógica.** Disponível em <<http://www.tise.cl/archivos/tise2005/02.pdf>>. Acesso em: 10/07/2010.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ONGARO, C. F. **A importância da Música na Aprendizagem.** UNIMEO/CETESOP: 2006. Disponível em: <<http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/music.pdf>>. Acesso em 04/09/2010.

OLIVEIRA, H. C. M. **A música como recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: Algumas considerações.** Caminhos de Geografia 2006. – Revista on-line <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> ISSN 1678- 6343. Acesso em: 12/09/2010.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação. Da Excelência a Regulação das Aprendizagens, Entre duas lógicas.** Ed. Artmed. 1999.

RESENDE, Márcia Spyer. **O saber do aluno e o ensino de geografia.** In: VESENTINI, J. W. (Org.) Geografia e ensino. Textos críticos. Campinas: Papyrus, 1989.

SILVA, Lenyra Rique da. **Do senso comum à geografia científica.** São Paulo: Contexto, 2004.